

AVENÇA

AVENÇA

Semanaário regionalista e cultural

Director Literário—Dr. João Tendeiro

Composto e Impresso na

Tip. Figueirense—Figueiró dos Vinhos

Director, Editor e Proprietário:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Redacção e Administração:

Rua Major Neutel de Abreu

FIGUEIRO DOS VINHOS

Pousada de S. Martinho

No próximo passado dia 25 foi inaugurada a Pousada de S. Martinho.

Ao acto presidiu o Director do Secretariado da Propaganda Nacional sr. António Ferro, com a presença do sr. Manuel Carolino, presidente da Câmara de Alcobaça, do sr. Júlio Lopes, presidente da Câmara das Caldas da Rainha e do nosso Director dr. Simões Barreiros, que foi convidado pelo sr. António Ferro; teve um caracter de intimidade e elegância que se harmoniza muito bem, com a função a que se destina.

O almoço que ofereceu o Secretariado da Propaganda Nacional a todos os convidados, decorreu num ambiente familiar, portanto despidido de qualquer protocolo, o qual maior elevação deu ao acto.

A Pousada de S. Martinho, feita pelo Ministério das Obras Públicas e agora entregue ao Secretariado da Propaganda Nacional, é a terceira posta a funcionar.

Esta Pousada, pela posição excepcional que ocupa, deve ser uma das mais frequentadas do país.

Importante donativo

O sr. Joaquim Alves Martins, nosso prezado amigo, acaba de entregar à Câmara Municipal do nosso Concelho, a avultada oferta de dez mil escudos, que se destinam à construção da estrada Campelo-Alge, terra da sua naturalidade.

Este gesto do sr. Alves Martins, a todos os títulos simpático, é digno de ser registado e louvado e, tanto mais porquê, no nosso concelho, não estamos habituados a gestos desta natureza.

Estêve aqui há pouco mais dum mês, pois apesar disso, já firmou e, bem, a sua passagem, mostrando que é um coração bondoso, pois sempre que alguém lhe refere esta necessidade, a sua bolsa abre-se; a criatura, instituição ou obra é contemplada.

Assim à Igreja de Campelo, para reparação, ofereceu quinhentos escudos; para a capela de Santo António outros quinhentos escudos, e agora para a estrada da sua terra dez mil escudos.

Salientamos estes gestos do sr. Alves Martins e, tanto mais, como dissemos: — não estamos habituados.

José Rodrigues Dias

Em gôso de bem merecidas férias, encontra-se nesta vila, o nosso prezado amigo e colaborador sr. José Rodrigues Dias, digníssimo professor do Ensino Primário em Lisboa.

DUAS CRISES

Não sei bem, mas parece-me que o nosso concelho produz, mesmo nos anos das vacas magras, milho e azeite em quantidades suficientes para que, num regime de racionamento equitativo, possa caber a cada máquina humana aborígene o mínimo daqueles combustíveis reputado necessário ao seu funcionamento normal.

Todavia, a ganância e o egoísmo desmedidos, a quem a guerra desatou as peias, campeiam infrenes, convertendo a suficiência num desequilíbrio perigoso para os acrobatas que trabalham no trapézio da especulação.

Seria, não digi já um acto puramente humano, mas inteligente, lógico e previdente que a produção e o comércio transaccionassem os produtos menos na sombra do mercado negro e mais na luz brilhante do sol da seriedade.

Estou plenamente de acôrdo em que a catástrofe bélica, que, com sanha feroz, vai por todo o mundo semeando a dor e queimando os bens morais e materiais acumulados, em milénios, pelas gerações, limitou a produção e dificultou a sua circulação; mas devemos confessar que o sonagamento e jôgo de preços operam como máquinas diabólicas de compressão e retardação, tornando menos o que já, de si, pouco é.

Não obstante a ciência que tem por objectivo o estudo da alma, esta continua misteriosa e incompreensível.

Não seria natural que, na hora de luta e angústia decorrente, a solidariedade das almas, o auxílio mútuo fôsem intensos e infusíveis?

Pois nunca a força centrípeta das moléculas anímicas se revelou mais frouxa, nem o individualismo mais feroz.

Poderá o trabalho do Estado levantar paredes que comprimam um pouco a força expansiva em actuação, construir uma espécie de colete de forças que restrinja movimentos tão desordenados e violentos?

Creio que sim.

Suponhamos, quanto ao nosso concelho, que a Câmara Municipal toma (e porque não?) a peito o caso e manda proceder, na ocasião oportuna, a um inquérito rigoroso, justo e intransigente com o alvo de determinar a existência, em quilos, do milho produzido, na actual campanha agrícola, na área do concelho.

Esta devassa só seria, é claro, eficiente se, em vez das declarações, talvez inexactas, não obstante as cominações da lei, dos produtores, fôsse nomeada, em cada freguesia, uma comissão de homens íntegros e conhecedores, a quem devia ser confiada essa sagrada missão.

Simultânea ou conseqüentemente, outro inquérito se impunha: organizar o cadastro das famílias do concelho.

A conclusão dos inquéritos estabelecia o problema.

O resultado dá-lhe uma simples operação aritmética — a divisão.

No caso do cociente dar um número de quilos de milho superior ao consumo de cada pessoa, o excedente seria destinado à exportação, também de aconselhar, para atrair ao nosso concelho o numerário de que necessita para as suas transacções.

Diz-se que o milho raramente aparece no mercado e que, quando aparece, faz-se pagar por 30 ou 40 escudos cada alqueire.

Hemos de confessar que é demasiado e transcende as raias da normalidade para invadir as regiões da loucura.

Todos compreendemos, ou devíamos compreender, que o layrador precisa, como qualquer outro trabalhador, dum lucro

(Continua na 4.ª página)

Casa da Criança

A Junta da Província da Beira Litoral, sob a Presidência do illustre e distinto Professor dr. Bissaya Barreto, fiel aos principios que desde o seu inicio a têm orientado na luta contra os principais flagellos que atacam a humanidade e de protecção à criança, levou a efeito, na Figueira da Foz, mais uma destas obras: — a construção duma Casa da Criança, que foi inaugurada na passada semana.

A sua inauguração presidiu o sr. Governador Civil, Professor dr. Bissaya Barreto e outras entidades oficiais.

O nosso director dr. Simões Barreiros por amável convite do illustre Presidente da J. P. B. L. também assistiu à cerimónia da inauguração.

Dr. José Coelho da Fonseca

Acompanhado de sua ex.ma Esposa e menino, encontra-se nas Várzeas o sr. dr. José Coelho da Fonseca, nosso estimado amigo e distinto chefe da Contabilidade da Câmara Municipal de Lisboa.

Artur Martinho Simões

De passagem para os trepostos onde vai passar uns dias de necessitado repouso, junto de sua família, tivemos o prazer de cumprimentar o nosso prezado amigo sr. Artur Martinho Simões, distinto chefe da Repartição da Administração Política e Civil, do Ministério do Interior.

Banda Municipal

Com geral agrado, têm-se realizado no Jardim Parque, nas noites de quintas-feiras, os concertos da Banda Municipal. Transcrevemos o programa da passada quinta-feira:

Alte Kamarade, marcha de C. Teke; *Aurora*, ouverture de R. Franco; *Noites em Turim*, serenata de G. Ceretti; 2.ª *Miscelânea Musical*, de R. Franco; *Caminhança*, tango de R. Franco; *Caprichosa*, valsa de concerto de L. Narcot; e *Requiebro*, passa calle de G. Celius.

Milho

A nossa Câmara adquiriu mais um vâgo de milho colonial.

O preço porque está sendo fornecido ao público, é um pouco mais elevado, do que o do vâgo último.

Devemos no entanto informar, que tanto a Câmara, como os vendedores, não têm lucro algum.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

Torna-se curioso que a natureza seja sempre mais previdente e sábia que o homem, faltando à nossa civilização um sentido de adaptação ou aproveitamento do que se produz nos vários lugares do planeta. O trigo constitui um exemplo. Na terra produz-se anualmente uma colheita de trigo quasi estável e também é constante o rendimento unitário mundial por hectare. Não há base ou más colheitas mundiais, unicamente nacionais; quando num país se obtém menos trigo é maior a colheita noutro; se num continente é inferior à média, outro ultrapassa-a e todos os anos na terra se produz quasi a mesma quantidade de trigo. O resultado final é que a uns sobra-lhes trigo e outros não têm o pão indispensável.

A agricultura prospera quando os cerealeiros vivem melhor, porque o trigo regula todos os outros artigos já há mais de 5.000 anos antes da nossa era. Enquanto esta grande verdade não seja bem compreendida não será possível voltar à prosperidade em agricultura. A medida que o agricultor empobrece, principalmente o cerealeiro, diminui o consumo de artigos industriais. Por isso, os grandes países manufactores ocupam-se em vigiar e proteger a agricultura. Vamos que se dedicam maiores atenções e subsídios à agricultura nos países industriais, precisamente para aumentar o bem estar dessa grande massa de consumidores: os camponeses.

O problema é complexo e, sem dúvida, poderá ter solução dentro da nova ordem. As autarquias nacionais obrigadas pelas necessidades pre-bélicas e bélicas, modificaram-se durante o renascimento dos intercâmbios entre os povos.

Eladio Morales y Fraile

Manifesto do milho

Um decreto recente do Ministério da Economia determina que se já manifestado o milho da presente colheita, no prazo dos dez dias seguintes à debulha. Tal medida tem por fim dar a conhecer as disponibilidades daquele cereal tão indispensável à alimentação — para assim melhor se fazer a sua equitativa distribuição.

Os problemas que à alimentação pública dizem respeito, não podem, porém, resolver-se apenas com medidas legais. É preciso que os destinatários dessas medidas saibam compreendê-las, para que duma estreita cooperação entre a autoridade, o produtor e o consumidor, resulte o mais perfeito funcionamento do mecanismo da repartição dos bens de consumo. Há, por isso, necessidade de por em prática, ao mesmo tempo, um critério legal — que fixe normas — e um critério moral — que as compreenda e as execute. Quanto ao primeiro, tem o Governo feito tudo para atenuar a crise da subsistências. Quanto ao segundo, cabe a todos os portugueses integrarem-se nele para que dessa compreensão resulte maior bem para todos: e dentro dêle hão-de saber colocar-se todos os produtores de milho para que o pão não escasseie na mesa dos pobres.

De visita

Estiveram nesta vila os Ex.mos sr. Padres Manuel Gaspar, arcepreste em Chão de Couce e seu sobrinho Manuel Gaspar Furtado, digno Pároco em Avelar

Grupo coral

A fim de tomar parte nas festas religiosas da Senhora da Guia o grupo coral da Igreja, desta vila, vai no próximo sábado ao Avelar

Mudança da hora

Hoje às 0 horas os relógios atrasaram uma hora. De amanhã em diante, fica a regular a nova hora.

O Problema da Alimentação

Esos & Comentários

Do jornal "A Saúde," edição da Junta de Província da Beira Litoral, transcrevemos o presente artigo, cujo assunto, neste momento é de interesse geral e devia ser devidamente ponderado e estudado.

Milho

Devido às instancias da Câmara Municipal deste Concelho e do Sindicato Nacional do Pessoal da Industria de Lanifícios, conseguiu-se a vinda de um vâgão de milho, por conta dos dois que estão atribuídos a este concelho, por mês, mas que raramente são entregues.

Este vâgão de agora dará para duas semanas e, por isso, torna-se necessário que se continue a instar pela entrega de mais.

Pão

Temos tido falta de pão em virtude de não ter sido distribuída a este concelho a farinha que está destinada. Não se compreende que tendo sido fixada determinada quantidade de farinha consoante as necessidades de consumo, se passe a entregar quantidade diferente, acabando até por em de terminadas semanas não entregar nenhuma. É assunto que de ser ponderado com todo o cuidado pela entidade respectiva, tanto mais que a falta de pão pode trazer graves inconvenientes de ordem geral.

Mercearias

No mês de Maio não foi distribuído o assucar a esse mês correspondente cujo racionamento já é bem diminuto por cada pessoa e por mês.

Como isso não bastasse, o contingente do mês de Julho, também não é distribuído. Este produto faz bastante falta à vida de cada um e se é certo que muitos o poderão evitar, a verdade é que para crianças e velhos é se torna indispensável e muito especialmente para doentes. Chega ao nosso conhecimento que a Misericórdia deste concelho está na iminência de fechar as suas portas se lhe não fôr fornecido o assucar de tem necessidade para os seus doentes. Já a falta de pão ultimamente verificada tem sido igualmente prejudicial.

Os bãos, também racionados, não foi distribuído o correspondente a Julho. Dos restantes artigos, as quantidades são tão insignificantes que para nada dão.

Fiscalização do INTP.

Em serviço de fiscalização do INTP, esteve nesta vila durante alguns dias, o funcionário sr. Leite da Costa.

Banho fatal

Quando andava a tomar banho junto ao Pontão dos Esconhaes, morreu afogado o menor Manuel Teixeira Simões, de 10 anos, filho de Francisco Simões.

Caixa do Abono de Família

Na secretaria do Sindicato N. P. I. Lanifícios continua a organização de processos para o abono de Família aos trabalhadores da industria de lanifícios pelo que os respectivos interessados que ainda o não fizeram ali devem comparecer.

MIRANTE

A Castanheira é linda! E', sim, minhas senhoras e meus senhores! A Castanheira é linda. E' bela. Bela até lhe fica melhor — tão bem como um vestido azul a uma morena. E não é a mesma coisa; é mais, é muito mais. Mas — pobre Castanheira! — lembra uma rosa fanada, uma triste rosa sem aroma e sem côr a que ninguém dispensa um olhar quente de simpatia.

A causa deste desamor?

Porque a Castanheira — um jardinzito de sonho escondido como se fôra o dum palácio de emir — é bela. Vem-lhe a beleza das serras que a circundam, magestosamente tocadas dum veu de tinte azul-suave que deixa transparecer o veludo dos vestidos onde aparece, aqui e além, o fulgor duma joia — uma casita branca e pequenina que o sol beija.

Empresta-lhe encanto a Beira cristalina serpenteando por entre os milheirais plenos de clorofila, ora agaiatada, toda século swing a atirar, estouvadamente frocos de espuma do alto dos rochedos, ora quieta, como recatada donzela linha do tempo das janelas ogivais, formando quasi lagos dormentes onde se espelham, cismáticos, os salgueiros prateados e coaxam as rãs e trinam rouxinóis nas noites cálidas e perfumadas. "nocturnos," que fariam o enlevo e o desespero da alma insatisfeita de Chopin.

Dá-lhe graça o ar sonhador e triste que se desprende das casas — muitas com seu quê de solarengo — uma graça de velha aristocrata.

Que em Castanheira, minhas senhoras e meus senhores, nesta terra bem mais moça do que outras da comarca, não há aquela alegria esfuizante, grande, cariciosa como um raio de sol outonal, que irradia a mocidade. Faltam-lhe espiritos juvenis; falta-lhe... dinamismo. Isso mesmo, minhas senhoras e meus senhores...

Ela é moça, sabe? Passou no dia 4 de Julho o XXVIII aniversário da fundação do seu concelho. E' moça e bela mas no seu todo não há frémitos de vida intensa, há somente a beleza, o encanto distinto, a graça espiritual duma velha aristocrata.

... Sim, minhas senhoras! Tardes amenas, o céu muito azul, quasi translúcido, os campos muito verdes, a atmosfera impregnada de múltiplos perfumes, desde o aroma penetrante dos cravos ao dos

Em Portugal come-se pouco e mal! A guerra veio pôr em primeiro plano vários problemas, esquecidos uns, ignorados outros, mas que urge resolver com brevidade. Entre eles destaca-se o problema da alimentação do nosso Povo.

O que há-de comer? Quanto deve comer? Como deve comer?

Evidentemente que quando falamos em alimentação, não queremos referir-nos ao acto de levar o alimento à boca e impedir que se morra de fome... Se assim fôsse poderíamos dizer que o problema não se colocava, pois, em Portugal, praticamente, não se morre de fome e portanto o problema estaria resolvido!

Mais de 2/3 de portugueses alimentam-se mal. Muitos comem de mais, outros têm uma alimentação errada, nutrem-se mal quando é fácil alimentarem bem, desde que se aprenda cedo, mesmo na escola, a comer.

É necessário fazer o estudo científico da alimentação em Portugal.

Quem quer abalancar-se a essa tão útil tarefa e de grande valor nacional?

Tudo se modifica com o andar dos tempos e o avanço das ciências; hoje nova concepção se tem dos regimens alimentares; não basta o seu valor em calorias, o organismo tem outras necessidades, tem outras exigências; é preciso um mínimo de proteínas e um quantitativo de vitaminas e minerais para o perfeito equilibrio das funções orgânicas.

Pode-se matar a fome ingerindo certos alimentos e em certa quantidade, mas isso não representa sempre uma boa alimentação, visto que pode conter um grande valor energético, mas ser desprovida de sais, gorduras, etc.

Quando o nosso trabalhador janta um pedaço de pão e m azetonas ou sardinha, ou

mesmo bacalhau, pode sentir-se satisfeito, mas não fica bem alimentado.

Os trabalhadores do campo, os operários das cidades, os soldados, os estudantes, etc., não têm uma alimentação racionalmente bem estabelecida; digamos mesmo mais e com toda a clareza — são mal alimentados; só a sua espantosa resistência lhes permite trabalhar com alimentação tão insuficiente e defeituosamente estabelecida. E não sabemos se não seria agora a melhor ocasião para se estudar oficialmente o problema e decretar a sua solução, e falamos assim porque se encontraria a base científica necessária para se organizar um racionamento de alimentos, melhorando as condições de alimentação das classes trabalhadoras. Pobres e ricos lucrariam, porque as pessoas abastadas também não sabem comer... Abusam das proteínas, das gorduras, dos hidratos de carbono e daí engordarem, envelhecerem, tornam-se inactivas e improductivas...

Que boa ocasião para se fazer uma larga propaganda a favor do uso intenso dos legumes verdes, das nossas saborosíssimas frutas e sobretudo do leite cujo valor alimentício e recalcificante é enorme e de que tão pouco uso se faz na nossa terra, mesmo por aquelles que têm vacas, ovelhas ou cabras!

Os nossos homens do campo comem pouco e comem mal; a nossa raça definha em parte pela sub-alimentação.

Quem tem inteligência, dedicação e interesse por este interessantíssimo assunto de interesse nacional?

Quem o estuda?

Quem nesta época de frivolidades e de assuntos de fachada espampanante quer estudar no silêncio, no laboratório e no campo social, o problema da alimentação do português?

eloendros a lembrar, vagamente, longas silhuetas de miranetes, estonteadores mistérios de jardins orientais, e as vossas janelas cerradas hermêticamente, egcistamente, inesteticamente.

Oh! é muito feio, muito feio, franzir assim a testa. Isto é verdade minhas senhoras!

Cortinas alvissimas como espuma, como neve, rendas delicadas talvez tecidas por vós, (não é infinitamente agradável a um cérebro de mulher idealizar requintes de «crochet»?) «bibelots», pequeninos nadas encantadores... e tuão a cismar tristemente lá dentro, na penumbra, sem a carícia suave da luz vespertina, sem o afago subtil duma onda doirada de perfume.

E isto é certo... Janelas abertas, minhas senhoras, a transpirar franqueza e confiança, a conquistar a simpatia dos que chegam!

Que das janelas abertas não vem mal à vossa casa, nem é isso um sinal de mau gosto, antes uma esplêndida medida de hygiene.

A Retorta com a sua fonte seria um local aprazível, próprio para mostrar a quem viesse como um dos «oasis» da terra. Mas tudo aquilo devia estar acabado e doutra maneira. Precisa de azulejos e flores. Flores garridas como por exemplo aquilas a que o vulgo chama sardineiras e a «gente bem» as pessoas «rafinées», apelidam de pelargônios — dev mos concordar que soa mais docemente e não faz lembrar mariscos, — em vozes esganicadas — ficariam ali muito bem. Dariam vida e côr, seriam uma mancha alegre de bom efeito.

Poder-se-ia, também, arranjar ruazinhas com sebes de pinheiros do norte, para conduzir à fonte e bancos rústicos lá em baixo, na margem da ribeira. Já não falo numa mesa que inspiraria deliciosas merendas à sombra amiga das árvores copadas...

... Tanto sonho que esvoaça nas grades do meu Mirante! Se Castanheira é tão bela...

em Castanheira de Pera, Agosto de 1943.

Maria da Saúde

Festa do Coentral

Como estava anunciado realizou-se no dia 15 a festa anual em honra da Senhora da Nazaré padroeira da freguesia do Coentral Grande, a qual decorreu no meio da maior animação e teve a abrihantá-la a Banda de Musica desta vila.

Festa local

No dia 29 do corrente realizou-se á nesta vila a festa religiosa em honra do Santíssimo, festa que noutro tempo era a melhor da vila por ser aquela que tinha arraial noturno. Proibidos, por aqui, os arraiais as festas perderam o seu melhor atractivo e, pouco a pouco vão descaindo, como se está a verificar.

De visita

Esteve nesta vila com pouca demora, acompanhado de sua Esposa e filho, o sr. Capitão Ermida, Delegado do Governo junto da ENIL.

— Tem estado nesta vila a passar as suas férias o nosso estimado amigo sr. Joaquim Froes, conceituado funcionário da Embaixada do Brasil.

c a r t a z

secção de publicidade

O anúncio é a maneira mais e económica eficaz de firmar os negócios — (Sir Charles Higham)

Prevenção

O GUSTAVO previne todo colossal sortido de inverno. O Ex.mo freguês que por motivo de força maior encerra o estabelecimento no dia vinte e nove de Agosto até ao dia último de Setembro, e já com o to de 1943.

Gustavo Coelho Godet
Figueiró dos Vinhos, Agos-



Horas					
12.30 às 14.00	«Hora portuguesa»	DZE	24.73m	12.130	Kejs
14.00	Noticiário	DZE	24.73m	12.130	Kejs
19.45	Noticiário	DJC	49.83m	6.020	Kejs
21.30	Noticiário	DXR	25.51m	11.760	Kejs
21.45	Noticiário	DXU9	31.28m	9.590	Kejs
22.15	Noticiário e Tema do dia	DJI	41.15m	7.290	Kejs
23.30	Noticiário e Nota do dia	DJC	49.83m	6.020	Kejs
0.45	Noticiário	DXR	25.51m	11.760	Kejs
		DZU	29.16m	10.290	Kejs
		DXU9	31.28m	9.590	Kejs
		DJI	41.15m	7.290	Kejs
		DXU9	31.28m	9.590	Kejs
		DXX	48.86m	6.140	Kejs

Joaquim J. Fernandes
Medico Municipal

Clinica geral
Doenças das crianças
Figueiró dos Vinhos

J. M. Albuquerque Dias
ADVOGADO
Figueiró dos Vinhos

A. Teixeira Marques
ADVOGADO
Telef. 13 — Castanheira de Pera

Alvaro Amorim Pinto
Advogado

Castanheira de Pera
Em PEDRÓGÃO GRANDE:
todas as segundas-feiras

Vinho do Convento. Está à venda

J. Rodrigues de Oliveira
Doenças de Pulmões
Partos
Clinica Geral
Consultório e residência:
Figueiró dos Vinhos

Domingos Duarte
Médico da Casa do Povo
Figueiró dos Vinhos

João Leal da S. Tendeiro
Médico Veterinário Municipal
Clinica Geral
Operações e Vacinações
Figueiró dos Vinhos

CONSULTORIO DENTARIO

A. MARTINS NUNES
DOENÇAS DA BOCA E
DENTES — DENTES
ARTIFICIAIS

Consultas às **Sextas-feiras**
e aos **Sábados** até ao meio dia

Praça **JOSÉ MALHOA**
Figueiró dos Vinhos

Reabriu o seu consultório na
primeira quarta-feira de
Outubro

Consultório em Coimbra na
Rua Ferreira Borges, n.º 8

A. Teixeira Forte
ADVOGADO
Figueiró dos Vinhos

GRAVATAS

Ninguém mais tem padrões
de sédas com os mesmos
lindos desenhos desta marca:

AJAX

A venda na Casa de
Gustavo Coelho Godet
Figueiró dos Vinhos

Colégio de Nun' Alvares

DE
T O M A R
Alvará n.º 42

Secção masculina e feminina em edificios independentes e fastosos, tendo cada uma o seu internato
Ensino Primário — Curso de Admissão ao Liceu — Ensino Liceal completo
Tratamento cuidado e um ambiente confortável e salutar
Envolvem-se regulamentos com todas as informações a quem as solicitar.

Manuel Simões Barreiros & Irmão, L.da

Armazém
de
Lanifícios

Figueiró dos Vinhos

Galeria Portugal, L.da

EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE QUADROS
ANTIGUIDADES E OBJECTOS DE ARTE

Rua D. Pedro V, 66 e 68 — LISBOA
Telefone 2 7330

Gustavo Coelho Godet

MODAS, FAZENDAS BRANCAS, MALHAS E MIUDEZAS
ESPECIALIDADE EM PANOS BRANCOS,
FAZENDAS DE Lã E ALGODÃO

Completo sortido para enxovais de casamento; chales,
lenços de séda e de lã

ARTIGOS PARA BORDAR; ALGODAO E Lãs EM FIO
Meias, camisas, chapéus e bonés; sempre novidades

Preços fixos sem competência

Figueiró dos Vinhos

Mesquita & Irmãos, L.da

Sapataria
Papellaria
Artigos de novidade

A casa do género mais bem sortida do norte do Distrito

Figueiró dos Vinhos

Anuncio

TRIBUNAL DA COMARCA DE
FIGUEIRO DOS VINHOS
Editos de 20 dias
1.ª Publicação

Faz-se saber que por este Juizo e sua segunda secção, correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando quaisquer credores desconhecidos para no prazo de dez dias, findos os dois editos, virem à execução por custas e selos que o Digno Agente do Ministério Público move a Joaquim Pereira, actualmente ausente em

parte incerta do Brasil mas com o seu último domicilio no lugar de Vilas de Pedro, freguesia de Campelo, deste concelho e comarca, deduzir os seus direitos, como determinam os artigos 864.º e 865.º do Código do Processo Civil.

Figueiró dos Vinhos, aos 21 de Julho de 1943.

O chefe da 2.ª secção
Joaquim José da Conceição Júnior

Verifiquei a exactidão
O Juiz de Direito
Themido Machado

O Jornal «A Regeneração» n.º 592
de 28 de Agosto de 1943

LAVOISIER

(Conclusão)

A obra de Lavoisier caracteriza-se não só pela precisão das suas experiências, como pelo talento observador e pela lógica das deduções que em toda ela se manifesta. Antes dele existiam em Química muitas ideias vagas profundamente arraigadas, formando certa confusão entre as matérias ponderáveis e as imponderáveis, calor, luz, electricidade. Ele conseguiu fazê-la sair desse labirinto, formulando a equação do peso dos corpos simples em todas as transformações químicas, enunciando a lei que tem o seu nome e que é a base de toda a Química científica, a lei da conservação da matéria: "Na natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma".

Como químico, a sua principal descoberta foi a do oxigénio. Em seguida à famosa experiência, realizada em 1777 aos 34 anos, em que aqueceu o mercúrio ao ar durante 12 dias e 12 noites, tendo analisado as películas vermelhas de óxido de mercúrio que se tinham formado, anunciou que o ar era composto de gases, o azoto e o oxigénio. Lavoisier chegou mesmo a reconstituir o ar ordinário misturando, em proporções convenientes, os dois gases que isolara.

Na mesma época Priestley na Inglaterra e Scheele na Suécia chegavam ao mesmo resultado pelos mesmos meios. Mas Lavoisier, multiplicando as experiências, foi mais longe, reconheceu que o oxigénio entra na composição de muitos ácidos e nas bases; e este achado, dum alcance imenso, levou-o a estabelecer com Gay-Lussac e Berthollet uma nomenclatura química muito simples e fácil.

Contra Priestley, provou a inutilidade da teoria do flogisto. Demonstrou com rigor a natureza elementar dos metais. Deu a teoria exacta dos fenómenos de oxidação dos metais ao ar, explicando como é que eles aumentaram de peso pela fixação do oxigénio na propor-

ção de dois para um. Nas suas experiências com o diamante provou a verdade da hipótese de Newton de que aquele não passa de carbono puro.

Durante os poucos anos que precederam a sua morte consagrou-se sobretudo à Química aplicada à fisiologia elucidando os fenómenos da respiração e calor animal e explicando que a respiração não é uma simples combustão do carbono mas que também há combustão de hidrogénio com formação de água. Descobriu também quais os elementos que entram na composição dos corpos orgânicos.

Citaremos entre as suas obras, as seguintes: Sobre a natureza da água (1770), Experiências com o diamante (1772), Sobre a Calcinação do estanho (1774), Opúsculos físicos e químicos (1774), Novas investigações sobre a existência dum fluido elástico (1775), Sobre a combustão do fósforo e do enxofre (1777), Instrução sobre o estabelecimento das minas e sobre a fabricação do salitre (1777), Sobre o ácido carbónico (1781-1784), Relatório dos comissários encarregados pelo Rei do exame do magnetismo animal (1784), Sobre a transpiração dos animais (1785), Método de nomenclatura química (1787) e o Tratado elementar de Química, publicado em 1805 por sua esposa. Na História da Sociedade de Medicina publicou as «Experiências sobre o eter» e no Jornal de Física as «Pesquisas sobre a efflorescência».

As suas obras completas foram publicadas de 1864 a 1893 pelo Ministério da Instrução Pública e preenchem 5 grossos volumes.

Em 1900 foi-lhe erigida uma estátua em Paris.

Pela Compilação

André Valmar

Noticias do Concelho

Aguda

Nuno Alvares Pereira

Comemorar os factos históricos da nossa nacionalidade, é lacutar na raça portuguesa, o amor à sua pátria.

Assim é que, em 7 de corrente, se comemoram a batalha de Ourique e em 14 de Aljubarrota.

Decorria o último quartel do século XIV e na sociedade portuguesa reinava então, a descrença e o desalento.

A pátria corria perigo porque a ambição de Castela, impulsionada pela vida dissoluta da corte em que o Rei era o primeiro a delinquir preparava-se para lançar as garras sobre o território português.

A 14 de Agosto de 1385, um punhado de portugueses, aguerridos e fortes, comandados pelo génio superior de Nuno Alvares, varria em Aljubarrota, num esforço heróico que é uma maravilha, que é um milagre, as hostes castelhas, obrigando-as, em batalhas sucessivas, que são uma caminhada de bravura, a entrar definitivamente nas muralhas da sua pátria.

Portugal firmava ali a sua autonomia, num gesto de bravura impressionante que é, ao mesmo tempo, o padrão glorioso do nosso heroísmo e a prova irredutível da nossa fé.

Se não fora a unidade de comando do exército, confiada então a um jovem de 25 anos, a nacionalidade teria sucumbido. Mas não. Nuno Alvares, naquela memorável tarde de 14 de Agosto, quando decorria a hora crepuscular, alcançava os palmos do maior general da península batendo nos campos de Aljubarrota não só os castelhanos mas ainda os maus portugueses que os acompanhavam.

Hoje que Nuno Alvares, herói e santo, personifica o valor da raça e a reacção que por todo o país se está operando, bom é que lhe renda culto como herói e culto como santo.

Pená é que em Aguda, visto a Igreja, o ter elevado à honra dos altares, ainda não exista uma imagem sua nem se inaugurasse o seu culto.

Nossa Sr.ª da Graça

No próximo passado dia 15, como tinhas anunciado, realizou-se nesta vila a tradicional festa em homenagem a Nossa Senhora da Graça, padroeira desta freguesia, a qual revestiu singular brilho e impaciência.

Às 12 horas teve lugar a comunhão das crianças, em segreda mis-

DUAS CRISES

(Continuação da 1.ª página)

que lhe permita, em harmonia com a sua posição social, manter a família. Mas esticar a corda de forma a que lhe dê, em quatro ou cinco anos, o rendimento que, licito e honestamente, só poderia esperar duma vida de intenso e cuidadoso labor, é forçosamente, querer parti-la.

E o, que se diz da lavoura, torna-se também, extensivo às outras actividades.

Foi a Tradição que estabeleceu, na nossa região, o preço licito do milho: 2 dias de jorna do trabalhador rural por cada alqueire do referido cereal.

Ora se aquéle salário é, presentemente, de 11\$00, torna-se intuitivo que o alqueire de milho não devia vender-se por mais de 22\$00.

Se se ousa transpor esta fronteira, é porque o seu estado doentio lhe não permite respirar uma atmosfera pura e reclama, como as larvas dos mosquitos, um ambiente pantanoso qual seja o da especulação.

Neste caso torna-se necessário uma imediata e rigorosa intervenção clínica se não cirúrgica.

A estrada, que fica aberta, servia também para conduzir, por ela, a solução do racionamento do azeite.

Sem dúvida, que a crise económica é grande e carrega, como mais ou menos peso, na despenha de todos os lares.

Mas ela seria menor se, ao seu peso, se não tivesse adicionado, criminosamente, o de uma outra crise também de natureza chumbóide—a falta de carácter.

Chavélho, Agosto de 1943.

José Rodrigues Dias

P. S. — Sabemos que há, felizmente, na nossa terra um escol de lavradores, industriais e comerciantes que não cedem à acção dos poderes que, de direito, pertencem à consciência. Para eles vão, nesta hora carregada de dor e de incerteza, os meus mais altos louvores e votos por que persista no caminho trilhado, certo de que me acompanham todos os figueirenseiros que ainda não deixaram, nem deixarão, secar no coração a fonte do amor.

J. R. Dias

sa solena, no pulpito fez-se ouvir a voz do distinto orador sagrado sr. Padre Manuel, da vizinha freguesia de Chão de Couce, que enalteceu as virtudes e benefícios de Nossa Senhora da Graça, às 14 horas fez-se uma luzida procissão pelas ruas principais da vila.

Foi um dia memorável para esta terra e um espectáculo altamente comovedor.

A Banda Municipal deste concelho que sob a regência do maestro sr. Raul Morais Franco, abrilhantou os festejos, deu dois concertos tendo executado algumas obras musicais de grande vulto que muito agradaram, em especial o tango *Caminhante* e outros.

Festa de S. Pedro

Deve realizar-se no lugar de Almofala de Baixo, desta freguesia, no dia 29 do corrente a feste-

vidade em homenagem a S. Pedro. Esta festa que se reveste sempre de brilhantismo, este ano promete porém revestir singular impaciência estando nisso empenhado o modor-mo e o povo daquele lugar.

Abrihantará a festa a Banda Municipal deste concelho, que às 16 horas dará um concerto.

Nossa Sr.ª da Piedade

Realizar-se-á no dia 8 do próximo mês de Setembro, no lugar dos Moninhos Cimeiros, desta freguesia a festividade em honra de Nossa Senhora da Piedade, que consta de missa, procissão e venda de fogaças.

Os festejos são abrilhantados pela grande instrumental deste concelho.

No próximo número de «A Regeneração» daremos as nossas impressões.

Banhistas

Regressor da Nazaré, o nosso particular amigo sr. Políbio Fernandes das Neves e sua ex.ma família.

—Na mesma praia encontram-se as famílias dos nossos assinantes srs. Joaquim Estevão Rodrigues e Constantino David dos Reis, e a sr.ª D. Natália Denis Rosa, professora oficial em Campelo e esposa do sr. João Morais Rosa.

AVISO

Torna-se público que, em virtude do Grémio dos Armanzenistas do mercador, de Lisboa, haver reduzido o contingente de caixas de sabão atribuídas a este concelho, para consumo durante o mês de Agosto, os retalhistas não podem fornecer mais do que metade da quantidade indicada na senha de racionamento do mês aludido.

Figueiró dos Vinhos, 24-8-1943.

O Vice-Presidente da Câmara

Carlos Rodrigues Manata

Tenente

O DESAFIO

CONTO por H. LOPES DE MENDONÇA

V

Então, todos assistiram absortos a um espectáculo perfeitamente inesperado. Viram Meleúde, em seguida a uma breve prática com os seus padrinhos, sacudir a cabeça num veemente aceno negativo. Viram, sem perceber porquê, os dois mouros obrigaram-no a descalçar, apesar da sua resistência. Viram o mísero campeão do Islâm, a pé, desarmado, cabisbaixo, seguir como um penitente para junto do seu alcaide. Viram este fazer um gesto de desespero e de ameaça, e logo volver atrás de Meleúde, seguido pela sua comitiva, indignada e praguejante, na direcção da Azamor.

E num relâmpago, espalhou-se a notícia: a recusa covarde do combatente musulmano, a ordem do alcaide para que ele fosse levado a Azamor, duas léguas de caminho a pé, diante de todos, exposto aos apupos, às vaias, aos insultos, para saborear longamente o fel da sua vergonha. Um colossal movimento de cólera e de ódio agitou a multidão dos mouros. Tremiu a raiva, rugiu o furor, estrondou o doidamento o ultraje. Ao passo que, da banda dos cristãos, a grita do júbilo, a apudada, os vivas triunfais, retumbavam desconfortos. Juntou-se a isto o troar festivo das bom-

bardas e dos arcabuzes, cuja fumaça envolvia os esquadrões abatidos da mourama. Ebríos de alegria, os cavaleiros portugueses corriam pela praia, escaramuçando uns com os outros, galopando desordenadamente, com se Jesus Cristo houvesse alcançado a vitória decisiva e final sobre Mafoma. De cima das ameias da fortaleza, mulheres capeavam desvairadamente com os lenços brancos, homens levantavam os barretes e os chapéus emplumados, e os soldados, que haviam ficado dentro dos muros, desfaldavam ao vento as bandeiras de seda e de damasco, de cores variadas, onde brilhavam cruzes de Cristo e de Aviz, esferas douradas, águias, divisas e insígnias de toda a casta. E no extremo da fortaleza, sobre o Oceano, no alta bastião que coroa o baluarte Santiago, o estandarte real tremulava ovante, virado para Azamor como uma ameaça e um escárnio.

No meio deste contentamento, só Domingos Gonçalves se mostrava despeitado e contra o costume, pouco jovial. Cercavam no os companheiros que procuravam consolá-lo quando se abeirou dele Ben Azzú.

—Que vens ainda fazer, aventesma? interrogou ele com mau humor.

—O alcaide de Azamor mandava-vos dizer que, conforme as condições do desafio, Meleúde é vosso cativo...

—Guardai-o para basculho de mesquite, interrompeu ele abruptamente. Para que quero eu semelhante prenda?

O capitão mór, que estava próximo desatou a rir.

—Pobre Domingos Gonçalves! disse ele. Falto vos o ensejo para glosar o vosso mote...

—Não tem dúvida. Fica-me para a primeira entrada que fizermos em terra de mouros.

—Dizei-o.

—E' assim: No sol que apanhei de balde, Queira Deus Que inda a mourama se escalde.

Gargalhando, começaram a retirar-se para a fortaleza. Alguns mouros e judeus mercadores que costumavam fazer tráfico a dentro das muralhas, mendigos de ambos os sexos que recebiam esmola dos portugueses, almuinheiros a quem concediam ali vender frutos e hortaliças, precipitaram-se de roldão para a ponte levadiça, em seguimento dos cavaleiros. Confundida no meio deles, escondeu-se para o interior de Mezagão a mulher do bedém pardo. E quando se encontrou no meio da praça grande, sem atinar para onde a levavam os encontrões da turbamulta, olhou para a Cruz que flamejava no topo da igreja matriz, e murmurou em arábico.

—Hazretil Hazretil Venceste! (Continua)